

A POÉTICA DA SUBSTÂNCIA:

procedimentos da alquimia
em artistas contemporâneos



A POÉTICA DA SUBSTÂNCIA:

procedimentos da alquimia
em artistas contemporâneos

Juliana Alvarenga



© Relicário Edições
© Juliana Alvarenga

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

A473p

Alvarenga, Juliana

A poética da substância : procedimentos da alquimia em artistas contemporâneos / Juliana Alvarenga. -- Belo Horizonte, MG : Relicário Edições, 2016.

116 p. : ilustrado. ; 13cm x 20cm.

Inclui referências

ISBN: 978-85-66786-40-8

CDD 700

COORDENAÇÃO EDITORIAL **Maíra Nassif Passos**
PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO **Ana C. Bahia**
REVISÃO **Maria Fernanda Moreira**

RELICÁRIO EDIÇÕES
www.relicarioedicoes.com
contato@relicarioedicoes.com

*Ao meu companheiro Paulo Dimas e
nosso pequeno Iuri, pela compreensão e amor*



Introdução 9

CAPÍTULO 1

Analogia e *poiesis* 17

CAPÍTULO 2

Alquimia e seus procedimentos 21

CAPÍTULO 3

Artistas contemporâneos e alquimia 47

Apichatpong Weerasethakul 47

Joseph Beuys 65

Anselm Kiefer 76

Damien Hirst 89

Considerações finais 105

Referências bibliográficas 109

Sobre a autora 115



INTRODUÇÃO

A arte e sua abertura metodológica são base para o conhecimento em suas mais diversas e complexas formas. As práticas artísticas podem gerar conhecimento e proporcionar, por exemplo, uma visão holística que aponta para o homem re-integrado à natureza e aos seus saberes.

Na produção artística contemporânea, o conhecimento oriundo da ciência moderna e os procedimentos ditos científicos incorporam-se à obra de arte, fazendo com que a tecnologia envolvida seja objeto de investigação. Além disso, encontramos obras de arte que recorrem ao conhecimento científico para a construção de poéticas visuais, abordando as relações entre o homem e os saberes da natureza, bem como o conhecimento que está potencialmente em todos os seres dos reinos vegetal, animal e mineral. As obras de arte contemporânea que serão aqui mencionadas apontarão, portanto, para a necessidade da reinserção da natureza na cultura, assegurando à subjetividade valor metodológico potencializado pela prática artística.

Atualmente, talvez sejam comumente aceitas as ideias de que nem o homem e nem a sua cultura controlam os processos naturais, e também de que a objetividade não se separa da subjetividade no acesso ao conhecimento. O pensamento racionalista dos séculos XVI e XVII, próprio da modernidade

e da revolução industrial, pode ser pensado na perspectiva da redução da *poiesis* à *praxis*¹, e na passagem do pensamento holístico e sistêmico para o mecanicismo especialista. Esse pensamento mecanicista, que procura entender como funciona o mundo para assim dominá-lo, hoje parece insuficiente para abordar as questões da contemporaneidade. No campo da filosofia da arte, apresentamos o estatuto da *poiesis* como o processo guia que, em harmonia tênue com seu oposto, a *praxis*, governa as próprias leis da prática artística.

Podemos pensar esse estatuto da *poiesis* a partir de três conceitos fundantes: *substância*, natureza e potência², para determinar procedimentos comuns entre a arte contemporânea e uma antiga área do saber que precede a química moderna, a alquimia. A partir do conceito de *substância* em Aristóteles, da noção de potência e de natureza, quatro conceitos encontrados na alquimia nos interessam: o vir-a-ser, a reflexibilidade, a coexistência de opostos e a inclusão do erro e repetição como aprofundamento de um tema. São eles:

1. A transformação da matéria: ao conduzir as operações alquímicas, o operador somente permite a transformação da matéria-prima ao transformar-se a si próprio concomitantemente, acessando o conhecimento adormecido e resgatando as potencialidades inertes em ambos. A transformação da matéria é análoga ao conceito de pes-

1. A transliteração (nesse caso, a passagem do alfabeto grego para o alfabeto latino), não torna obrigatório o uso de acentos, ficando a critério de cada autor. Como pesquisa *praxis* e *poiesis* no autor italiano Giorgio Agamben, que adota os acentos, opto também pelo uso dos mesmos, referidos ainda no dicionário grego: *praxis* (Almeida Prado, 2010, p. 119, vol. 4) e *poiesis* (Almeida Prado, 2010, p. 101, vol. 4).

2. Do grego, *dynamis* tem, entre outros, os significados de: “2. capacidade; faculdade; talento; potência; poder; 10. potencialidade; possibilidade de ser ou de agir” (Almeida Prado, 2010, p. 254, vol. 1).

quisa e acesso ao conhecimento que considera sujeito e objeto como um só núcleo.

2. A correspondência de macrocosmos, o universo natural, e microcosmos, o universo do filósofo alquimista: a correspondência vital de serem esses dois universos reflexos um do outro é análoga ao conceito de flexibilidade entre pensamento e obra, matéria e obra, ação e pensamento.

3. *Solve et Coagula*: ao dissolver o insolúvel e coagular o não coagulável, este procedimento indica a conversão dos elementos opostos para obtenção da obra filosófica, o que é análogo ao conceito de coexistência e interdependência dinâmica dos opostos como geradores da criação.

4. *Foetido Purus*: a busca do mais puro no mais impuro, procedimento que parte do apodrecimento e se realiza através da repetição de uma sequência de operações como método de purificação, o que é análogo ao conceito de inclusão do erro e repetição de procedimentos para aprofundamento de pesquisa.

Através de analogias, encontramos esses quatro conceitos da alquimia nas obras e nos discursos dos artistas contemporâneos Apichatpong Weerasethakul, Joseph Beuys, Damien Hirst e Anselm Kiefer. Eles trabalham com a temática da cura em suas obras e possuem em suas biografias vivências específicas com a medicina, a farmácia e a doença. As obras e biografias desses artistas lhes permitiram pensar a saúde em termos mais amplos, questionando como o conhecimento médico se relaciona com o homem e sua ligação com o *kósmos*.³

3. Do grego, *kósmos* tem, entre outros, os significados de: “3. Boa ordem; disciplina; regra; medida; 5. Ordem do universo; cosmo; mundo; universo” (Almeida Prado, 2010, p. 88, vol. 2).

Existem leituras de obras de arte realizadas a partir da alquimia. Um importante autor dos estudos alquímicos, Jacques Van Lenep, “procurou indicar a possibilidade de se fazer uma leitura também hermética de certos quadros de alguns pintores famosos dos séculos XVI e XVII, como Durer, Rafael, Bosch e Brueghel” (Carvalho, 1995, p. 14). Van Lenep faz uma leitura dos símbolos encontrados nas obras e na alquimia. As leituras das obras de arte contemporâneas apresentadas aqui foram desenvolvidas a partir dos seus procedimentos e dos conceitos filosóficos comuns às duas áreas.

Os procedimentos comuns da arte contemporânea e da alquimia são aqui identificados pelas perspectivas do orgânico e do fisiológico, através do conceito aristotélico de *substância*, nas obras e discursos dos artistas contemporâneos. Esses artistas, de diversos modos, apresentam ideias sobre a problemática do homem apartado da natureza, sobre crenças e mitos que podem ser traduzidos nos procedimentos de acesso ao conhecimento em seu sentido alquímico.

A arte contemporânea tem em seu contexto ligações de coexistência e interdependência entre *prâxis/poíesis*, obras e seus autores, assim como a interligação entre suas vidas e o próprio trabalho, assumindo a experiência e mesmo a subjetividade como um substrato que pode ser desenvolvido como guia do processo criativo. Já a objetividade é responsável por tornar possível a realização da obra em sua materialidade. Desse modo, podemos dizer que a arte contemporânea, por ser uma disciplina que permite a união entre sujeito e objeto, se relaciona com uma área de saber (conhecimento)⁴ anterior à separação *poíesis/prâxis*: a alquimia, também denominada *arte alquímica e ciência hermética*.

4. Aqui me refiro ao objetivo principal descrito pelos autores da alquimia e alquimistas: a obtenção do conhecimento, *logos* ou pedra filosofal.

A alquimia é uma antiga área de saber que desdobra os procedimentos da transformação da matéria alquímica como seu eixo fundamental. A matéria alquímica à qual nos referimos aqui é o conjunto de elementos encontrados na natureza juntamente com o homem, chamado nesse processo de operador. O resultado da alquimia é a obra filosófica ou pedra filosofal, que é referida pelos autores estudiosos da área como o próprio conhecimento; conhecimento esse que é desvelado quando a matéria alquímica é totalmente potencializada.

A transformação da matéria alquímica pode ser também entendida como intenção que orienta os procedimentos de algumas práticas artísticas contemporâneas. A alteração dos estados da matéria pode ser lida em algumas obras de arte contemporânea como a alteração de estados do próprio pensamento artístico, a potencialização no ato de desvelar suas qualidades originais determinadas. As diversas passagens de estados de pensamento nos procedimentos artísticos podem ser pensadas sob a perspectiva da reintegração do homem com a natureza.

Os conceitos filosóficos fundamentais da alquimia podem ser encontrados no pensamento de Heráclito.⁵ É mesmo plausível afirmar que a *ciência hermética* seja uma tentativa de se colocar em prática as teses do filósofo pré-socrático. Heráclito entende o mundo como uma tensão entre dois opostos, em que ambos os polos são necessários para a harmonia. O filósofo nos diz que os opostos são o mesmo, “todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, e de

5. Heráclito de Éfeso (535 a.C. a 475 a.C.), filósofo grego pré-socrático considerado o pai da dialética, cujo pensamento também se encontra na origem da crítica e da filosofia empreendida por Nietzsche, Heidegger, Deleuze, Foucault. Recebeu em sua época a alcunha de “o obscuro” (Souza, 2000).

todas as coisas um e de um todas as coisas” (Heráclito, frag. 10, apud Souza, 2000, p. 88)⁶. Tudo está em um fluxo contínuo, como podemos encontrar no seu conhecido fragmento:

Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo [...] nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne (ou melhor, nem mesmo de novo nem depois, mas ao mesmo tempo) compõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se”. (Heráclito, frag. 91, apud Souza, 2000, p. 97)

As transformações motivadas pela presença do fluxo diferenciam e separam o estado anterior e posterior da matéria. Não se pode ser o mesmo depois de ter estado nesse movimento: o processo é transformador. Assim como na transformação da matéria alquímica, para Heráclito o fundamental é o processo, em que o importante é o dinâmico, o estar em movimento, a passagem de um estado para o outro.

A transformação na alquimia tem direção e sentido específicos. É uma conversão de natureza simétrica e simultânea: dois pares de opostos que trocam de lugar entre si em um movimento dinâmico.

A transformação da matéria tem o objetivo de reconstruir suas características potenciais originais, ainda não deterioradas, não doentes. Nesse sentido, a alquimia assume uma perspectiva de cura, entendida aqui como restabelecimento da perfeita condição de toda matéria alquímica (matéria-prima, matéria orgânica e operador). Ao contrário do que seria natural

6. Todas as citações de Heráclito seguem a numeração determinada por Diels-Kranz e foram retiradas da edição em português, com tradução direta do grego, da coleção *Os Pensadores – Pré-socráticos*, organizada por José Cavalcante de Souza, publicada pela Editora Nova Cultural, em São Paulo, no ano de 2000.

da matéria, que é o apodrecimento, a cura alquímica seria o artifício em direção oposta ao deterioramento orgânico a que estamos expostos com a passagem do tempo e que nos causa a doença. A cura, por sua possibilidade de ser entendida como manifestação da potência corporal e também da potência das *substâncias*, é o processo sobre o qual a alquimia se refere como sua própria intenção. A pedra filosofal, ou o assim denominado conhecimento, apenas podem ser alcançados se houver a manifestação de potência.